



Boletim do IAC

Instituto de Apoio à Criança

Nº 61 ♦ JULHO/SETEMBRO ♦ 2001 ♦ TRIMESTRAL

IAC DEU CARINHO, VOZ, ROSTO ÀS CRIANÇAS DE PORTUGAL

— GRAÇA MACHEL, NA SESSÃO DO 18º ANIVERSÁRIO, NA AR



LIGAÇÃO À COMUNIDADE AVENTURA SOCIAL

P. 4/5

ADELINA ODETE

— UM TESTEMUNHO
P. 2/3

EDITORIAL

IAC, DEZOITO ANOS

Há dezoito anos o sonho comandou a vida.

A utopia sonhada pela inteligência e coração raros do Dr. João dos Santos teve a sua afirmação pragmática: é fundado o Instituto de Apoio à Criança.

Todos aqueles que se preocupam com o mundo da Criança, dos seus Direitos, conhecerão o caminho atento e responsável seguido pelo IAC. O seu historial está feito e ele, em si mesmo, representa um compromisso sagrado para o futuro perante a Criança, na busca continuada da justiça social e presença afectiva que a Infância merece. Que todos nós lhe devemos.

Uma sociedade que não respeita a Infância é uma sociedade que ignora a dignidade do ser humano. É essa sociedade que o IAC rejeita.

Desde o seu nascer que esta "utopia" tem Manuela Eanes como seu eixo principal, numa devoção corajosa, constante — de profundo amor.

O presente *Boletim* evoca comovidamente esta efeméride. Sem particularizar, evoca todos quantos têm ajudado a erguer o IAC, têm trabalhado com igual devoção e amor.

Alguns já não estão no mundo dos vivos: permanecem na memória desta Casa.

Disse o Dr. João dos Santos que "o segredo do homem é a própria infância". O IAC continuará a tentar que este segredo seja para todos os homens um poema vivido num mundo mais justo que cumpra os Direitos da Criança.

ADELINA ODETE

"PARTIMOS. VAMOS. SOMOS."

JOAQUINA MADEIRA

Falar da Adelina Odete como pessoa e como profissional é tarefa ao mesmo tempo difícil e fácil.

Difícil porque só se pode falar que se sente e o sentir dificilmente cabe em palavras. É que as palavras são curtas para os estados de alma. Por isso, vou-me socorrer de um lindo poema de Sebastião do Gama que tornará fácil traduzir aquilo que sei que pautava a vida da Adelina.

*Pelo Sonho é que vamos,
comovidos e mudos.
Chegamos? Não chegamos?
Haja ou não haja frutos,
pelo Sonho é que vamos.
Basta a fé no que temos.
Basta a esperança naquilo
que talvez não termos.
Basta que a alma demos,
com a mesma alegria,
ao que desconhecemos
e ao que é do dia-a-dia.
— Chegamos? Não chegamos?
— Partimos. Vamos. Somos.*



BOLETIM DO IAC Nº 61
JULHO/SETEMBRO 2001

director

Mahide Rosa Araújo

editores

Cleia Castilho

Gisela Felício

conselho editorial

Coordenadores de Serviços do IAC

colaboradores

Carolina Simões

Gracia Maciel

Joaquina Madeira

Margarida Soares

Margarida Gaspar de Matos

Octávio Ribeiro da Cunha

edição

Instituto de Apoio à Criança

Largo da Memória, 14

1349-451 (9300)

Tel. 213624755-Fax 213624756

Endereço Internet:

<http://www.iacrianca.pt>

concepção gráfica e produção

Joana Imaginária

textos e impressão

Eligrafe

deposição legal

Nº 74 186/04

tiragem

3000 ex.

A Adelina era assim. Mulher de convicções, capaz de sonhar e de Acreditar. Acreditava com entusiasmo porque é sempre possível realizar os sonhos.

Com trabalho, competência, rigor, compreensão e muita, muita afectividade.

E qual era o sonho de Adelina que ela apostava em traduzir em acção?

Fazer tudo o que estivesse ao seu alcance para tomar o "mundo" melhor. O "mundo" do dia-a-dia das pessoas esquecidas, das crianças que sofrem, das famílias e das comunidades afastadas do progresso.

Destas inquietações, transformadas em sonho de mudança, nasceu o Projecto das Crianças de Rua de que a Adelina Odete foi co-autora entusiasta.

Ela percebeu desde logo que essas crianças "desamadas" não eram o problema mas o sintoma, a manifestação de outros problemas. Assim, se era necessário acudir-lhes urgentemente, pelo lado dos afectos e da compreensão, era indispensável actuar nas causas, nos factores que as haviam "empurrado" para a rua.

Percebeu também que atender as necessidades das crianças exigia dos animadores a capacidade de estabelecerem com elas relações de amizade, de compreensão e, até, de fraternidade.

Mais importante que ser profissional ou técnico competente e ter qualidades humanas. Antes de se ser profissional é-se pessoa. "O ser vem antes do fazer", ouvia várias vezes afirmar.

Outra palavra motora da Adelina para além de Acreditar era Partilhar. Era sua convicção que toda a



acção tinha que ser partilhada. Assim era o trabalho em equipa, assim era o trabalho com as pessoas, com as crianças, com a população. Para ela, partilhar significava agir corresponsavelmente, com autonomia, com solidariedade.

A sua capacidade de liderança vinha-lhe exactamente deste princípio de vida — Partilhar. Apesar da juventude das equipas, a Adelina nunca teve uma atitude paternalista ou protectora, mas pedagogicamente responsabilizante.

Porque Partilhar, ela sabia-o bem, é tomar parte activa é Participar.

Participar é o caminho para a inclusão e para o exercício da cidadania. As pessoas como agentes activos de mudança, eis o lema do

ADELINA ODETE FERNANDES MARQUES

trabalho nos bairros, zonas d'onde partiam as crianças para a rua. Agora, já não bastava trabalhar com as crianças, mas, fundamentalmente, com as famílias e com a comunidade no seu todo. Era necessário ir à raiz, às causas da fuga das crianças para a rua. Era urgente "trocar" pobreza e marginalidade por desenvolvimento e isso só era possível com a participação activa das pessoas. Porque o processo de construção da cidadania, como o aprender a andar, consegue-se praticando.

Assim o entendia a Adelina e assim orientou a sua "obra". Também o IAC o soube entender e foi capaz de criar as condições para que fosse possível realizá-la. "Obra" que continua viva, por vontade dos responsáveis do Instituto e da sua jovem equipa, que tão bem interiorizaram a filosofia e os princípios de intervenção que tornaram o Projecto de Rua inovador e precursor, tanto ao nível nacional como europeu.

"Primeiro ser pessoa, depois profissional". Acreditar. Acreditar que é sempre possível ir mais além e transformar o sonho em realidade. Partilhar tudo com todos. Com as crianças, com as famílias, entre profissionais, numa atitude de modéstia superior.

Estes caminhos, pensava ela, podem conduzir à transformação do mundo. Do mundo próximo mas tanta vez injusto para alguns, para demasiados, ainda hoje.

Sei. Sabemos que eram estas as razões superiores que motivavam a Adelina Odete.

Por isso ela, como a sua "obra", vivem connosco.



Licenciada em Ciências Sociais e Políticas pelo Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade Técnica, Adelina Odete Fernandes Marques tinha também o curso de Serviço Social do Instituto Superior de Serviço Social.

Exerceu funções de técnica de Serviço Social desde 1960 a 1963, tendo passado depois à chefia dos Serviços, primeiro na União das Freguesias do Concelho de Lisboa e depois na Misericórdia de Lisboa.

Os cargos de direcção que exerceu durante 17 anos no domínio da Acção Social conduziram a uma especialização na área da gestão, assim como a uma actualização permanente (que o exercício dos cargos impunham), nos domínios específicos de actuação do Serviço Social, nomeadamente: as Comu-

nidades, a Terceira Idade e a Infância.

Em 1987 ascendeu à categoria profissional de assessora do Quadro de Pessoal da Misericórdia de Lisboa, na área de Gestão e Acção Social. De 1989 até ao presente, coordenadora do Projecto Trabalho com Crianças da Rua — Em Família para Crescer, do Instituto de Apoio à Criança.

Em final de 91, foi escolhida pela Comissão Europeia DGI para fazer parte, com mais dois peritos europeus, numa missão de 1 mês ao Brasil, a fim de, *in loco*, apreciar a problemática das crianças da rua, com vista a tomar-se decisão sobre possível ajuda das Comunidades Europeias.

Participou em seminários e jornadas de reflexão nacionais e europeias, onde em muitos deles apresentou comunicações.

ACÇÕES DE LIGAÇÃO À COMUNIDADE

AVENTURA SOCIAL

As Acções de Ligação à Comunidade têm vindo, desde 1995/96, a trabalhar com a Faculdade de Motricidade Humana, da Universidade Técnica de Lisboa.

Neste âmbito, divulgamos o relato de trabalho de alunas do 3º ano de licenciatura em Educação Especial e Reabilitação, do ano lectivo de 1999/2000.

Mais um ano de Aventura Social. Mais um ano em que colaboramos com o IAC. Mais um em que estivemos em escolas do 1º ciclo da freguesia da Ajuda.

O Aventura Social é um projecto que desenvolvemos na Faculdade de Motricidade Humana desde 1987, que tem como objectivo a elaboração, implementação e avaliação de programas de promoção de competências de relacionamento interpessoal, em vários contextos, tanto em instituições fechadas (Estabelecimentos Tutelares de Menores), como em escolas do ensino regular, como ainda na prevenção de base comunitária (juntas de freguesia).

Em 1995 o Aventura Social estende o seu campo de acção com a realização de um estudo sobre os comportamentos ligados à saúde em jovens portugueses em idade escolar, que se realiza de quatro em quatro anos. Trata-se de um estudo colaborativo da Organização Mundial de Saúde, integrado na Rede Europeia "Health Behaviours in School Aged Children (HBSC/OMS)", que está a ser realizado em cerca de 30 países. O objectivo geral deste estudo é conhecer os comportamentos ligados à saúde, os estilos de vida e respectivos contextos nos jovens em idade escolar. Complementarmente pretende-se compreender a forma como os jovens percebem a sua saúde e desenvolver um sistema nacional de informação acerca da saúde e estilo de vida dos jovens.

Concretamente na freguesia da Ajuda, o Aventura Social tem vindo a implementar em escolas do 1º ci-

clo, desde 1997, um programa de promoção de competências sociais. A intervenção é feita por alunos do 3º ano da licenciatura em Educação Especial e Reabilitação, no âmbito da cadeira de Desenvolvimento Pessoal e Social, que integra uma forte componente na área do comportamento social. No ano lectivo de 1997/98 estivemos a aplicar o programa no contexto recreio, com grupos muito numerosos, o que trazia algumas dificuldades na sua concretização. Nos dois anos lectivos seguintes, estivemos no contexto sala de aula, com o grupo turma, e verificaram-se "melhorias" substanciais na implementação do programa.

AFINAL, QUE PROGRAMA É ESTE?

Este programa tem como objectivo principal promover as capacidades de relacionamento interpessoal da criança/jovem e otimizar a sua utilização em contextos sociais reais, de modo a construir para si próprio uma vida pessoal e social gratificante (Matos, 1997). Para a concretização deste objectivo o programa apresenta três conteúdos:

a) Comunicação interpessoal, onde se analisam comportamentos verbais, paraverbais e nãoverbais habituais e as suas diversas componentes.

b) Resolução de problemas, que tem como objectivo a aprendizagem de um método de abordar situações problema, através de uma metodologia que engloba os seguintes passos: 1. Para e pensa; 2. Escolhe as alternativas; 3. Antecipa as consequências de cada uma das alternativas; 4. Escolhe a alternativa mais adequada; 5. Avalia os resultados.

c) Desenvolvimento de competências sociais básicas e treino assertivo, onde são identificados os diferentes tipos relacionais, bem como as vantagens e inconvenientes de cada um destes. Procura-se também fazer a análise e modificação de determinadas crenças e cognições associadas a comporta-

mentos problema.

Pretende-se ainda que as aprendizagens realizadas no contexto sala de aula sejam generalizadas para contextos sociais reais, pelo que se propõe no final de cada sessão um trabalho para casa, que tem precisamente como objectivo a identificação e/ou transferência dos conteúdos adquiridos em contextos como a família, os amigos, os colegas, os vizinhos, etc.

A IMPLEMENTAÇÃO DO PROGRAMA

Como correu este ano a implementação do programa?

Tal como nos anos anteriores, os resultados são animadores, quer para os nossos alunos (faculdade), quer para as crianças do 1º ciclo. Para os nossos alunos, porque têm uma excelente oportunidade para implementar na prática e em contexto real um programa sobre o qual têm uma formação teórica e prática na faculdade. Consequentemente, são confrontados com dificuldades que surgem nessa implementação e com a necessidade de procurarem estratégias; para lidar com situações-problema, constituindo este momento um excelente espaço de formação pessoal e social. Para os alunos do 1º ciclo, porque são confrontados com uma série de situações que de uma forma lúdica lhes permitem a abordagem de conteúdos importantes para o seu desenvolvimento. Também porque é estimulada uma reflexão sobre estas situações e outras significativas do seu dia-a-dia que contribuem para o seu bem-estar pessoal e social.

Os resultados de uma avaliação que realizámos mostram que a grande maioria dos alunos aprendeu os conteúdos do programa, com especial destaque para a resolução de problemas e treino assertivo. Podemos também verificar que grande parte dos alunos dizem sentir-se mais alegres, amigáveis, satisfeitos e assertivos e menos infelizes, agressivos e birrentos. Muitas vezes estas aprendizagens e evoluções comportamentais não são constata-



das facilmente nos contextos relacionais. Como diziam os nossos alunos, pelos resultados da avaliação, podemos ver que eles aprenderam os conteúdos, mas na prática...

Realmente, muitas vezes verifica-se um desfasamento entre a componente cognitiva e a comportamental. Isto é, o aluno refere que está mais assertivo, mas nas situações reais essa assertividade não é posta em prática.

Porque será? Possivelmente porque é difícil mudar comportamentos, possivelmente porque os comportamentos anteriores são fortes determinantes dos comportamentos actuais e futuros, possivelmente porque a maioria dos modelos sociais ou os principais modelos sociais disponíveis, apresentam e reforçam comportamentos opostos aos comportamentos que estamos a tentar veicular, possivelmente no momento em que desempenham o comportamento não estão reunidas as condições ideais para que a assertividade tenha lugar, mas sim um outro comportamento alternativo.

Estas considerações lançam-nos o alerta, entre outros aspectos, para a necessidade de envolver os diversos agentes socializadores num programa deste tipo e para que este tipo de formação ocorra o mais precocemente possível. De qualquer

modo, e apesar de todas estas considerações, temos de olhar para o lado positivo destas aprendizagens e evoluções, ainda que elas, a curto prazo, não transpareçam grandemente em termos comportamentais.

DUAS TEORIAS

Será que não é importante a criança achar que sabe, por exemplo, dizer a sua opinião? Será que não é importante a criança achar que está mais assertiva? Pensamos que sim. E na base desta nossa crença estão duas teorias bem conhecidas nos dias de hoje: a teoria da auto-eficácia apresentada na obra de Bandura e a teoria da dissonância cognitiva desenvolvida por Festinger.

Segundo a teoria da auto-eficácia, se a criança tem a crença de que é capaz de realizar com sucesso um determinado comportamento, a probabilidade de ela o realizar aumentará. De acordo com a teoria da dissonância cognitiva, as pessoas procuram agir de acordo com as suas crenças, dado que quando se verifica uma inconsistência entre as crenças e os comportamentos poderá surgir naturalmente um estado de desconforto, estado este que se procura evitar.

Por tudo isto, pensamos que este deverá ser um trabalho a con-

tinuar e a melhorar...

O QUE DIZEM OS NOSSOS ALUNOS

Relativamente ao programa que aplicamos, consideramos importante referir que a sua duração (3 meses) e a frequência (1 vez por semana) se tomam factores que dificultam o alcance dos objectivos.

Pensamos que antes de o programa ser aplicado, os professores das classes visadas deveriam ser alvo de uma acção de sensibilização, para que pudessem participar activamente nas nossas sessões, ou, por outro lado, alvo de acções de formação que permitissem a continuidade da "filosofia" do programa.

Os espaços físicos oferecidos na maioria das escolas não reuniam as condições mais adequadas para a conveniente aplicação do programa.

No entanto, apesar de todas as limitações descritas, a experiência foi bastante enriquecedora e as crianças mostraram receptividade e motivação para a realização das propostas.

CELESTE SIMÕES
MARGARIDA GASPAR DE MATOS

18º ANIVERSÁRIO DO IAC NA ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA MAIORIDADE AO SERVIÇO DA CRIANÇA

No dia 11 de Julho, realizou-se, na Assembleia da República, uma sessão comemorativa do 18º aniversário do Instituto de Apoio à Criança. A sessão foi presidida pelo presidente da Assembleia da República, Almeida Santos, e pelo primeiro-ministro, António Guterres. Marcada pelas intervenções do primeiro-ministro, de Manuela Eanes e de Graça Machel — de que reproduzimos nestas páginas excertos —, o momento foi ainda pretexto para a atribuição do título de sócio honorário a cinco sócios do IAC.

“É com profunda satisfação que aqui estou hoje, no dia em que o IAC celebra a sua maioridade ao serviço das crianças. O que quer dizer 18 anos ao serviço de nós todos, com a acção desenvolvida directamente, outras vezes por alíquotar na nossa consciência a consciência das responsabilidades que todos temos em relação às crianças”, começou por referir António Guterres.

“Hoje, quando falamos em políticas relacionadas com a família ou com a infância, há três princípios essenciais que devemos respeitar: o da integração; o da combinação da universalidade dos direitos com a discriminação a favor dos que mais precisam; o da parceria.

Se há uma responsabilidade do Estado em relação aos direitos da

criança, a melhor maneira de exercer essa responsabilidade é em parceria com a sociedade civil, nomeadamente com o Instituto de Apoio à Criança.

Gostaria de prestar uma profunda homenagem ao IAC e ao seu papel pioneiro, pelo levantar das questões. Somos, muitas vezes, um país que tem tendência para fingir que os problemas não existem. E o



É URGENTE UMA POLÍTICA INTEGRADA DE APOIO À CRIANÇA, AO JOVEM E À FAMÍLIA

MANUELA EANES

Em nome do Instituto de Apoio à Criança e em meu próprio nome, começo por agradecer a presença do sr. Presidente da Assembleia da República, que, com toda a sua inteligência e sensibilidade, tem acompanhado o nosso trabalho; do sr. primeiro-ministro, que, coerentemente com os seus valores éticos, teve sempre como prioridades políticas a área social e da educação e a quem devemos todo o apoio, estímulo e compreensão em relação aos nossos dife-

rentes projectos. Finalmente, a presença fraterna e de carinho de uma amiga de longa data — a Graça Machel, presidente da Fundação para o Desenvolvimento da Comunidade e personalidade do maior prestígio a nível internacional, nomeadamente nas Organização das Nações Unidas, Unesco e Unicef, e uma das grandes vozes de África, a favor de condições de mais bem-estar e mais dignidade das crianças, jovens, famílias e comunidades mais desfavorecidas.

Em Portugal, como na maioria dos outros países, é hoje notória uma maior preocupação pela criança, encarada como sujeito de direitos. Nesse caminho percorrido em defesa de melhores condições de mais bem-estar e de mais dignidade para a infância, o Instituto de Apoio à Criança tem também o seu lugar. Tudo quanto pudemos fazer, fizemos, mas não fizemos, obviamente, tudo que era necessário. As crianças continuam à espera e o seu nome é Hoje.

IAC teve um papel decisivo para mostrar à sociedade portuguesa que os problemas existem e que tínhamos que os enfrentar, por muito que, aparentemente, eles nos envergonhassem", disse ainda do primeiro-ministro, António Guterres, que salientou depois ao papel "pioneiro" do IAC no tipo de acções que desenvolveu.

"O SOS-Criança, caso espectacular de sucesso, que tem de ser reconhecido como tal pela sociedade portuguesa." E referindo-se a todo o trabalho do Projecto Rua, disse: "Os estados modernos não gostam de admitir que este problema existe, mas ele existe e teve com o IAC uma resposta, com os animadores de rua, os animadores de escola, com os agentes de solidariedade, com todo um conjunto, de forma pioneira, em Portugal, para responder àquilo que era uma humilhação para as nossas consciências."

como dizia Gabriela Mistral.

Fundado em 1983, o IAC nasceu com o objectivo fundamental do desenvolvimento integral da Criança e a defesa e promoção dos seus direitos. Nessa medida, cabe salientar um certo papel pioneiro no interesse pela problemática da criança, visto que a sua actividade se tem desenvolvido à luz dos princípios orientadores da Convenção dos Direitos da Criança, mesmo antes da sua aprovação pela Assembleia Geral das Nações

Unidas, precisamente em 1989.

No 1º seminário organizado pelo IAC, em 1984, falou-se pela primeira vez de uma forma pública e pluridisciplinar das crianças maltratadas. Noutras realizações, encontros e seminários procurámos também a troca de experiências em áreas nas quais o debate alargado nunca se tinha feito. Ainda como área inovadora, é importante referir todo o trabalho, logo a partir de 1983, do grupo da Actividade Lúdica, que tem promovido acções que efectivam o direito de brincar, trabalho fundamental no aspecto preventivo. É que se tivermos o tempo livre dos nossos jovens preenchido de uma maneira sã, teremos com certeza muitos problemas de marginalidade, de delinquência e de droga resolvidos e, com certeza, também jovens com mais alegria e maior sentido de responsabilidade.

O SOS Criança, que não existia em Portugal, é hoje uma realidade ao serviço da Criança e da Família. Este serviço que já recebeu mais de 50 mil chamadas de todo o país, tem contribuído, desde 1988, para a prevenção e despiste de milhares de situações de crianças em perigo, maltratadas, negligenciadas, abusadas sexualmente e em solidão.

Temos ainda o trabalho realizado pela Mediação Escolar, promovendo-se em várias escolas o Gabinete de Apoio ao Aluno e à Família, ou as Acções de Ligação à Comunidade, onde a criança é o pólo dinamizador de todo o trabalho comunitário que envolve, além da família, a escola e as diferentes instituições oficiais e particulares.

O Sector das Publicações desenvolve a sua actividade com trabalhos de investigação e compilação de informação diversa sobre temas ligados a problemática da Criança, com livros e publicações em áreas que estavam a descoberto.

O Sector da Humanização dos Serviços de Atendimento à Criança nos Serviços de Saúde tem desenvolvido um trabalho com médicos, enfermeiros, técnicos de serviço social, educadores, psicólogos, procurando a mudança de atitudes e comportamentos das

instituições de saúde.

No Apoio Jurídico, é importante realçar a divulgação da legislação relativa à criança; o atendimento jurídico de casos concretos e o apoio de acções de formação na área dos Direitos da Criança com organizações governamentais e não governamentais.

Gostaria, aqui, também, de sublinhar a necessidade urgente de voltar a funcionar a Comissão Nacional dos Direitos da Criança, que, ao abrigo do artº 44º da Convenção dos Direitos da Criança, tem por objectivo acompanhar as políticas para a infância nos diferentes países que ratificaram a Convenção. Esta Comissão extinta em Outubro de 1999, deveria ser de novo criada, no âmbito da Comissão Nacional da Família, sob pena de ficar perdido um tão importante progresso feito no conhecimento e acompanhamento da nossa realidade infantil.

O Projecto Trabalho de Rua com Crianças em Risco foi o único projecto inovador aprovado para Portugal ao abrigo do 3º Programa de Luta Contra a Pobreza, a nível da CE. Foi criado em 1989 para dar resposta a uma situação que se poderia designar como estando 'a descoberto' de todos os serviços institucionalizados — governamentais ou não — e para os quais foi necessário uma resposta apropriada. Através do Projecto de Vida a situação das Crianças de Rua em Lisboa alterou-se e mais de 600 saíram da rua. A realidade de hoje obrigou a uma nova caracterização dos 'Meninos de Rua' e a procurar de novas zonas de intervenção. Um novo contexto social leva-nos a falar de crianças e jovens ligados à droga e até a prostituição infantil. Por isso, foi assinado um protocolo com o Programa Governamental PEETI, com uma Unidade Móvel Lúdico Pedagógica, cujo objectivo é interromper o mais precocemente possível o ciclo de marginalidade onde a criança e o jovem se encontram.

Para todos os projectos e acções tivemos sempre o maior apoio e compreensão do Estado e de várias instituições oficiais e par-

► MANUELA EANES

ticulares e de diferentes empresas.

Todos somos moral e socialmente responsáveis pelas nossas crianças.

Uma das grandes forças do IAC é a de que as pessoas que nele trabalham, com todo o empenho, o fazem, fundamentalmente, por razões afectivas. A todos que ao longo destes anos têm construído connosco este grande Projecto para a Criança e com a Criança, agradecemos tudo o que nos deram a conhecer nos ensinaram a fazer, nos possibilitaram realizar, incitando-nos a prosseguir e a fazer sempre mais e melhor.

Com humildade reconhecemos que alguns resultados foram obtidos nesta caminhada. Mas o que se toma absolutamente urgente e deveria constituir a mais alta prioridade em relação à Criança é a definição e realização de uma política global relativa à infância. Uma política integrada de apoio à Criança, ao Jovem e à Família, nomeadamente em relação à educação, saúde, emprego e fiscalidade.

Para nós, mais uma vez o sublinhamos, o que é fundamental em relação a cada família e a cada comunidade é a sua participação activa e generalizada quanto a um trabalho de prevenção e de humanização do espaço em que vivemos.

É não desistir!

A tudo que fizermos pela Criança, pela defesa e promoção dos seus direitos, pelo seu bem-estar, pela imensidade da sua ternura, pela pureza do seu coração: a tudo se chama dignidade.

Que a criança fique, pois, em cada dia, mais no nosso coração e na responsabilidade acrescida, de todos nós, de lhes darmos um futuro de esperança ou de frustração, de violência ou de fraternidade.

PROGRESSOS E DESAFIOS

GRAÇA MACHEL

Saúdo hoje o Instituto de Apoio à Criança pelo seu trabalho extraordinário que me foi dado testemunhar aqui, na promoção dos Direitos da Criança. Hoje o Instituto celebra a sua maioridade, os seus 18 anos. Conquistou uma identidade própria, conquistou um espaço social, granjeou respeito e prestígio, abriu novos caminhos de abordagens e formas práticas de atendimento aos grupos mais desfavorecidos de menores. Acima de tudo, deu carinho, deu voz, deu rosto às Crianças de Portugal.

As minhas reflexões hoje têm lugar pouco depois de o secretário-geral das Nações Unidas ter publicado o seu relatório "Nós as Crianças". A Dr^a Manuela propôs que eu fizesse uma resenha de quais são os progressos, desde a proclamação da Convenção dos Direitos da Criança, que nós já alcançámos, mas, mais importante ainda, que desafios ainda temos de enfrentar.

Quando as gerações vindouras analisarem o progresso dos Direitos Humanos no séc. XX, poderão questionar porque é que só 40 anos após a Declaração dos Direitos do Homem a Comunidade das Nações adoptou os Direitos da Criança. A Convenção dos Direitos da Criança é o mais ratificado de todos os instrumentos de direitos humanos adoptados pelas Nações Unidas, e foi mais rapidamente ratificada do que qualquer outra convenção. Hoje, 192 países ratificaram a Convenção dos Direitos da Criança. Essencialmente todos, à excepção de dois, que são a Somália e os Estados Unidos da América.

A Cimeira Mundial estabeleceu metas muito concretas, e todos os chefes de Estado e Governo que participaram nela tomaram o compromisso solene de implementar essas metas. Mas a realidade é que apenas 63 países conseguiram realizar a meta, por exemplo, da

redução de mortalidade infantil de crianças em idades dos 0 aos 5 anos. Para as mesmas idades, foram reduzidas em 30% as mortes causadas por doenças diarreicas. Os índices de vacinação atingiram indicadores muito elevados, em muitas partes do mundo, à excepção de África e do Sudoeste Asiático. Hoje há mais crianças na escola, mais 816 milhões de pessoas no mundo têm hoje acesso à água potável. A agenda internacional tem vindo a dar um certo relevo à criança, de que é exemplo a Conferência de Estocolmo sobre o tráfico e abuso sexual de menores, a recente Conferência no Canadá, sobre a criança em situação de conflito.

Quanto aos desafios, são de longe muito maiores do que os sucessos. O fosso entre os que têm acesso ao progresso e os que não têm vai-se tomando abismal. A produção e a acumulação da riqueza processa-se de forma tão rápida, que os ricos se tornam mais ricos, mas as faixas da pobreza aumentam e aprofundam-se, não só nos países em desenvolvimento, como nos países industrializados.

A consciência sobre Direitos Humanos é cada vez mais generalizada, mas a sua violação, em particular dos direitos mais básicos das mulheres e das crianças, é cada vez mais brutal, expressa na violência doméstica que mina a segurança do indivíduo. Sabemos que proteger a criança é investir nela, dando-lhe sólidas fundações para começar a vida, através de cuidados de saúde primários, programas de vacinações, uma boa qualidade de educação básica, um ambiente familiar emocional seguro. Porém, neste momento, 600 milhões de crianças no mundo vivem na pobreza mais abjecta, a menos de um dólar por dia. Mais de 10 milhões de crianças morrem por ano, devido a doenças de fácil prevenção, incluindo 900 mil, abaixo dos 5 anos, que morrem de

sarampo, 200 mil crianças que morrem de tétano neonatal, 370 mil crianças que morrem de tosse convulsa, 50 mil que morrem de tuberculose, 100 milhões não têm acesso à educação básica, sendo 60% delas raparigas.

Num mundo em que se destrói quantidades enormes de comida, 150 milhões de crianças são malnutridas, noutras zonas do globo, 50 a 60 milhões são submetidas a trabalhos intoleráveis para a sua idade. Os conflitos armados já dizimaram 2 milhões de crianças, 6 milhões ficaram seriamente feridas e mutiladas, 12 milhões estão deslocadas, são refugiados, e 300 mil crianças enchem a fileiras do fenómeno da criança soldado. É caso para perguntar: o que é que está a acontecer connosco, como adultos?

Como explicar que adultos forcem crianças de 7 a 10 anos a serem treinadas e por vezes drogadas para matar? Que se deixe faltar comida quando crianças morrem à fome?

Eu não tenho resposta, para es-



tas perguntas. Mas julgo que, mesmo depois de termos visto um trabalho tão bonito como aquele que nos foi apresentado esta tarde, pelo Instituto de Apoio à Criança, devemos voltar para casa e perguntarmos: e esses milhões são filhos de quem? E esses milhões de quem é a responsabilidade?

Esta experiência do Instituto de Apoio à Criança ensina-nos uma coisa: os seus fundadores tomaram a iniciativa, isto prova que a iniciativa de cidadãos é possível, a iniciativa de cidadãos conta, a iniciativa de cidadãos pode fazer diferença.

Eu quero com isto dizer que está de parabéns o Instituto de

Apoio à Criança e que o seu exemplo se possa multiplicar por milhões de iniciativas, mas que todas elas se articulem.

Eu ainda sonho com um mundo em que uma sociedade será avaliada e considerada sã e próspera pela forma como essa sociedade trata as suas crianças.

Eu ainda tenho um sonho, em que uma sociedade, o conhecimento, o saber, a ciência e a tecnologia sirvam para proporcionar a todo e qualquer ser humano uma vida digna e uma vida em segurança. Este mundo é possível, está nas nossas mãos criá-lo.

SÓCIOS HONORÁRIOS DO IAC

De acordo com os nossos Estatutos, prevê-se a categoria de Sócio Honorário. Por proposta da Direcção e aprovada unanimemente pela Assembleia Geral de 29 de Maio de 2001, temos o gosto de anunciar publicamente o nosso agradecimento profundo por tudo que, sempre voluntariamente, fizeram pela Criança em Portugal e o carinho e apoio especial que tiveram sempre com o IAC.

— Matilde Rosa Araújo, pelas belas páginas de literatura infantil que fez chegar à criança portu-
gue-

sa e pelo apoio dado como directora do *Boletim do IAC*, de forma tão eficiente e sempre carinhosa.

— Maria de Lurdes Levy, pelo seu papel em favor da investigação e ensino no que diz respeito à criança e na condução de um dos sectores do IAC, o Sector de Humanização dos Serviços de Atendimento à Criança.

— Aurora Fonseca, pelo seu papel ao estudar legislação portuguesa em defesa dos direitos da criança, nomeadamente na elaboração de uma das mais importantes obras legislativas, o 1º volume do

Guia dos Direitos da Criança.

— José António Coelho Antunes, por todo o empenho na área da educação em Portugal e nas dinamização de várias acções a nível interdepartamental e interdisciplinar;

— Adelina Odete Marques — que ficou muito sensibilizada com esta singela homenagem, mas já não está hoje connosco —, pelo seu esforço, capacidade de trabalho e amor à criança que demonstrou no impulso da implementação do Projecto Rua, que tantas crianças ajuda a integrarem-se nas suas famílias e na comunidade.

CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DE LUDOTECAS EM 2002

Vai realizar-se, de 13 a 17 de Maio de 2002, a 9ª Conferência Internacional de Ludotecas, em Lisboa, na Fundação Calouste Gulbenkian, organizada pelo Sector de Actividade Lúdica do IAC, associado do ITLA-International Toy Library Association. A conferência vai contar com grande número de participantes, nacionais e estrangeiros, que trabalham no âmbito da ludicidade.

Os grandes temas deste encontro são os seguintes: "I — Aspectos teóricos da ludicidade", que pretende convocar uma pluralidade de perspectivas teóricas procedentes de diversas áreas do conhecimento; "II — Ludotecas e espaços lúdicos", diversidade de experiências e práticas, que apela à confrontação e troca de experiências entre os participantes do encontro; "III — Passado, presente e futuro das indústrias de ludicidade", que convoca reflexões em torno de questões como a concepção do material lúdico e a recuperação de materiais lúdicos tradicionais; "IV — Desafios da educação", que tenta repensar modelos e conteúdos de formação de ludotecários.

São objectivos principais do encontro fomentar o aprofundamento de questões relacionadas com a papel da actividade lúdica num contexto sociocultural, bem como permitir abordagens diversas sobre aspectos essenciais e acidentais do jogo.

Procurar, através da reflexão e da troca de experiências, valorizar a formação dos profissionais que trabalham em ludotecas e espaços afins e favorecer o aparecimento de soluções de continuidade entre tradição e modernidade são outros objectivos, a par da criação de motivação dos participantes para formas expressivas de intervenção educativa e sociocultural.

O programa do encontro inclui debates, testemunhos, divulgação de posters e oficinas, além de ex-

posições, visitas a espaços lúdicos e animações.

O endereço Web da 9ª Conferência Internacional de Ludotecas é: www.conferencetoylibraries.online.pt; do secretariado é: secretariado@conferencetoylibraries.online.pt.

CONGRESSO SOBRE JOGOS, BRINQUEDOS E LUDOTECAS

Em Santa Cruz de Tenerife, organizado pela Associação Luso-Red e Animação PlifPlaf, realizou-se de 28 a 30 de Junho passado o VII Congresso Estatal de Juegos, Juguetes y Ludotecas. As coordenadoras do Sector de Actividade Lúdica do IAC, Leonor Santos e Natália Pais, apresentaram comunicações, caracterizando a intervenção do sector em Portugal e a situação das ludotecas a nível nacional.

O tema do congresso "A vida é jogo" e os principais objectivos foram: reflectir sobre o papel actual das ludotecas face às novas necessidades e questões sociais; abordar experiências que dêem resposta às inquietações dos profissionais de educação, cultura, serviço social, interessados na promoção do jogo, brinquedos e ludotecas; favorecer a criação e consolidação de ludotecas e analisar o potencial pedagógico e humano das ludotecas.

ACÇÕES DE FORMAÇÃO

O Sector de Actividade Lúdica do IAC realizou, nos dias 4, 5 e 6 de Junho, a acção de formação "Um novo olhar sobre a ludoteca itinerante", orientada por Madeleine Haguet, educadora e formadora na área do lúdico, responsável pela ludoteca e ludocarro "Les Abeilles", em Nancy, França, e orientadora de projectos de ludotecas itinerantes.

Esta acção teve 21 participantes, com formação na área da educação e serviço social, a maior

parte a trabalhar em ludotecas itinerantes (ludocarro) ou a fazer projecto para a criação destes espaços. Estes participantes eram oriundos de diferentes zonas do país, tais como Aveiro, Beja, Évora, Faro, Castelo Branco, Lisboa, Santarém, entre outras. A maioria avaliou esta acção como muito pertinente, visto existirem poucas experiências de ludocarros em Portugal, sendo muito importante o contributo de países mais desenvolvidos na matéria e com um trabalho de qualidade, como é o caso de França.

IAC PRESENTE

— Rosário Costa deu uma entrevista sobre "Serviço SOS-Criança" ao jornal "Semanário de Ovar", no dia 29 de Maio.

No dia 30 de Maio, Manuel Coutinho comentou um artigo de direito para a Rádio Renascença.

— Em entrevista para a TVI, Maria João Pena, deu, no dia 1 de Junho, uma entrevista sobre o Serviço SOS-Criança.

— Maria João Pena e Rosário Costa foram entrevistadas, no dia 24 de Agosto, para a SIC, sobre o SOS-Criança.

— Manuela Eanes esteve presente no programa "Hora Viva — Segurança em Directo", da RTP2, cujo tema era "Crianças de Rua" e onde também foi transmitida uma reportagem da inauguração de uma Unidade Móvel Lúdico-Pedagógica do Projecto Rua. O programa, transmitido no dia 20 de Setembro, contou com o apoio do Ministério da Administração Interna.

CARTA DA CRIANÇA HOSPITALIZADA EM CASA SERIA MELHOR

OCTÁVIO RIBEIRO DA CUNHA

Professor Doutor, pediatria no Hospital de Santo António do Porto

A pesar de as condições de internamento das crianças nos serviços de pediatria terem melhorado de uma forma significativa nos últimos anos, isso não significa que não haja muito trabalho ainda por executar. Todos sabemos que internar uma criança é sempre um drama. Para a criança e para a sua família.

Minorar este drama tem duas vertentes importantes. Uma estritamente hospitalar e que passa pela melhoria das condições de internamento. Melhores instalações, o que quer dizer instalações adaptadas às necessidades da criança e ao conforto dos pais que as devem sempre acompanhar, e apoio técnico, que passa por uma relação mais adequada. Enfermeiras (os), camas de internamento, presença em todos os serviços de pediatria de um psicólogo a tempo inteiro e um número suficiente de educadoras de infância.

Por outro lado, e como o objectivo principal é não ter que internar a criança, as consultas de ambulatório dos serviços de pediatria deverão organizar-se com uma certa elasticidade, de modo a não se criarem entraves burocráticos, ou outros, ao acesso fácil da criança que, não necessi-

tando de ser internada, precisa, por vezes, de ser seguida com mais atenção nos dias que se seguem ao aparecimento da doença.

A segunda vertente, para mim extremamente importante, tem a ver com a criação nos centros de saúde, e em colaboração com o hospital e o médico de família da criança, de um serviço eficaz de prestação de cuidados ao domicílio. Exceptuando as situações limite que obriguem a um internamento, que deve ser o mais curto possível, em casa a criança está melhor e se a família se sentir apoiada, não só o tratamento será mais fácil, a criança mais feliz e a família não ficará desorganizada.

Infelizmente, o sistema de saúde, que já esteve mais vocacionado para prestações de cuidados domiciliários, tem-se revelado cada vez mais incapaz de cumprir a sua função. O problema é grave com as crianças e muito grave com os idosos. Penso que com a organização deste tipo de serviço a nível de centro de saúde, e criadas melhores condições de comunicação que o hospital e os cuidados primários, muito do que de negativo acontece com o internamento de uma criança seria significativamente melhorado.

CONFERÊNCIA EUROPEIA DA EACH

Vai realizar-se, nos dias 6 a 9 de Dezembro próximo, a 7ª Conferência da European Association for Children in Hospital (EACH), em Bruxelas. A 6 e 9 decorrerá a conferência e nos dias 7 e 8, inserido na conferência, realizar-se-á o Congresso Europeu "Humanização da pediatria na Europa: sucessos e falhas", organizado pela representante da Bélgica na EACH.

Nesta conferência deverão participar, como habitualmente, dois membros do Sector da Humanização, na qualidade de membro associado do EACH.

De acordo com o pré-programa do Congresso Europeu, haverá workshops para discutir os dez artigos da Carta da Criança Hospitalizada e reflectir sobre o próximo Encontro Europeu. O objectivo deste congresso é analisar a implementação dos vários artigos da Carta nos vários países europeus.

O programa da Conferência da EACH será divulgado oportunamente.

CAMPANHA DA KEIT AJUDA IAC

Um concurso aberto a todas as crianças, até aos 10 anos, residentes em Portugal, começou no dia 15 de Setembro e prolonga-se até 31 de Dezembro de 2001. É uma campanha denominada "Modelos desenhados por quem sabe", da fábrica de malhas Sacolet, detentora da marca Keit. Com dois objectivos: estimular a imaginação das crianças e ajudar o IAC.

Cada concorrente terá de desenhar, numa folha de papel, um modelo de uma peça de vestuário que gostasse de usar (peúga, colant ou pijama), que criam como

quiserem, desde que feito manualmente. Há dois escalões etários para o concurso: o grupo dos "sarabicos", crianças até aos 5 anos, e o grupo dos "mestres", dos 6 aos 10 anos.

Os desenhos vencedores farão parte das próximas colecções Keit, de que uma percentagem das vendas reverterá para o IAC. Os concorrentes mais criativos terão direito a viagens à Disneylândia, em Paris, a jogos de computador, cassetes vídeo e cheques-compra de produtos Keit.

IAC-PROGRAMA ESCOLHAS

Representantes do Programa Escolhas, Eduardo Vilaça e Henrique Ferreira, reuniram-se, no dia 18 de Setembro último, no IAC, com Manuela Eanes, Coelho Antunes, Roque Martins, Matilde Sirgado e Manuel Coutinho, com vista a estabelecer um acordo de cooperação.

Com o objectivo de beneficiar as crianças e jovens de cinquenta bairros problemáticos, o Programa Escolhas, com a cooperação do IAC, irá desenvolver uma acção até 2003.

UNIDADE LÚDICO-PEDAGÓGICA

O Largo Martim Moniz foi o local eleito para a inauguração da Unidade Móvel Lúdico-Pedagógica. Foi por volta das 16 horas, no dia 26 de Julho, que olhares curiosos e crianças entusiasmadas começaram a rondar os vários ateliers que havíamos preparado — pinturas faciais; sessões temáticas sobre saúde; desportos radicais; trilha; informática; Escola de Rua e Expressão Plástica. De salientar que todas estas actividades são aquelas que a Unidade Móvel proporciona às crianças e jovens.

Cada criança/jovem recebia uma "espécie de passaporte" que tinha de carimbar em cada atelier que participasse. Esta pequena brincadeira fez com que experimentassem todos os ateliers, apesar de ter havido uns mais solicitados que outros... Por exemplo, os mais pequeninos preferiam dar largas à sua imaginação no atelier de expressão plástica, enquanto que os mais velhos não saíram do atelier de informática — onde, entre outras actividades, se fazia a estampagem de fotos (tiradas com câmara digital) em T-shirts.

Todos os ateliers decorreram com muita animação e entusiasmo, até por volta das 18 h — altura da inauguração oficial da Unidade Móvel.

Para este momento, contámos com a presença de vários convidados; com as palavras de acolhimento e agradecimento de Manuela Eanes; também Catalina Pestana (responsável pelo Programa PEETI — entidade que financiou a Unidade Móvel e a acção desenvolvida pela Comunidade de Fuga) proferiu algumas palavras de encorajamen-



to para a equipa do Projecto Rua.

Foi também o momento de agradecer à Câmara Municipal de Lisboa toda a colaboração prestada para este dia.

No final dos discursos, o Grupo de Dança do Bairro Olival do Pancas, na Pontinha, fez a sua actuação e foi o momento de meter a chave na porta e dar a conhecer a todos os presentes o interior da Unidade Móvel, que foi alvo de grandes elogios.

Foi um dia de alegria, com muito sol e a grande esperança de que esta Unidade Móvel possa contribuir para fazermos mais e melhor pelas crianças e jovens que precisam de nós.

UM VERÃO DIVERTIDO

Este Verão não foi diferente dos outros... Chegada esta época de calor e terminada a escola, é tempo de pensar em proporcionar às nossas crianças e jovens espaços de férias bem merecidos! Para uns é a compensação de um ano esco-

lar bem sucedido, para outros é a motivação e reforço para melhorar o seu desempenho. Mas para todos houve algo em comum: a alegria, o divertimento e o sair do seu meio e conhecer coisas novas.

Assim, de Julho a Setembro, cerca de 70 crianças e jovens foram distribuídos por grupos diferentes e pelos seguintes locais: Góis, Lezírias, Moimenta da Beira e Gerês.

À semelhança de anos anteriores, estes espaços de férias apostaram mais uma vez num programa pedagógico e lúdico saudável, no qual se deu prioridade ao desenvolvimento de actividades que estimulassem as capacidades físicas, intelectuais e emocionais dos jovens e facilitasse o intercâmbio de experiências entre os mesmos.

O regresso é que é sempre mais triste... tempo das despedidas (dos amigos que já conheciam e dos novos), das trocas de lembranças e das promessas que talvez para o ano se voltem a juntar.

NOVA VIATURA DO IAC

O IAC necessita, para deslocação dos seus técnicos em serviço, como para os contactos diários entre as cinco instalações espalhadas por Lisboa, de meios de transporte. Dispõe de um veículo cedido pelo Governo Civil de Lisboa, o que era, no entanto, insuficiente.

Neste momento, podemos contar com uma outra viatura, oferecida pela técnica do Sector de Humanização dos Serviços de Atendimento à Criança, Isabel Antunes, à qual, publicamente, agradecemos o gesto.

NATAL NO IAC

A aproximação do Natal de 2001 é, mais uma vez, pretexto para manifestações de solidariedade que registamos com agrado. Garantida está já para este ano a campanha "SIC no País do Natal", a favor do IAC.

Ainda neste âmbito, podemos avançar que estão já à venda os cartões de Natal do IAC.